

MULHERES INDÍGENAS SUBALTERNAS NA NARRATIVA DE MILTON HATOUM: DOMINGAS E FLORITA, UMA ANÁLISE COMPARADA

SUBORDINATE INDIGENOUS WOMEN IN MILTON HATOUM'S NARRATIVE: DOMINGAS AND FLORITA, A COMPARED ANALYSIS

Jose Meiry Soares Braga ¹

Resumo: Ao tratar da presença indígena feminina na Literatura de expressão amazônica, é imprescindível ressaltar que a representação da mulher indígena nas obras *Dois irmãos e Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, mostram de que forma tais mulheres foram inseridas no processo de modernização do espaço amazônico. Assim, para que fossem inseridas no processo de modernização, tais mulheres aprendiam a língua e a religião europeia. Destarte, este trabalho tem por objetivo fazer uma investigação de como a mulher indígena é retratada nas obras de Milton Hatoum, por meio das indígenas Domingas e Florita, das obras *Dois irmãos e Órfãos do Eldorado*, respectivamente. Isto posto, buscar-se-á investigar, ainda, como tais mulheres são exploradas por meio da manipulação de sua força de trabalho, fato que as leva a ser inseridas em situações degradantes na modernização da cidade de Manaus. Para subsidiar esta pesquisa, far-se-á um paralelo entre a construção histórica da manipulação da força de trabalho na perspectiva da América Latina, tomando por base, Aníbal Quijano (2005) *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* e o lugar ocupado pela mulher indígena na modernização da Amazônia, especificamente da cidade de Manaus, adotando por apoio Araújo e Torres (2008) *Trajetória de vida e de trabalho de mulheres indígenas em Manaus*. Para melhor entendermos o caráter híbrido da literatura Hatouniana, far-se-á uma breve discussão a cerca dos conceitos de hibridismo, entrelugar e heterogeneidade, adotando o aporte de Figueiredo (2005) *Conceitos de Literatura e Cultura* e sobre a relação entre os povos de culturas de intenso contato, Homi K. Bhabha (2013) *O local da cultura*. Isto posto, para compreender como se dá a relação da mulher que tem sua origem pautada na mistura de culturas com o espaço ao qual esta inclui-se, este trabalho apoiará-se em Anzaldúa (2005), *La consciencia de La mestiza*, bem como, outros autores que corroboram para o arcabouço teórico desta pesquisa.

Palavras-chave: Milton Hatoum. Cultura. Mulheres indígenas. Subalternidade.

Abstract: In dealing with the indigenous feminine presence in Literature of Amazonian expression, it is necessary to emphasize that the representation of the indigenous woman in the work *Two brothers and Orphans of the Eldorado*, of Milton Hatoum, show how these women were inserted in the process of modernization of the Amazonian space. Thus, in order to be included in the modernization process, such women learned the European language and religion. The purpose of this work is to investigate how the indigenous woman is portrayed in the works of Milton Hatoum, through the indigenous Domingas and Florita, from the works *Dois Irmãos e Órfãos do Eldorado*, respectively. This fact will seek to investigate how these women are exploited through the manipulation of their work force, a fact that leads them to be inserted in degrading situations in the modernization of the city of Manaus. In order to support this research, a parallel will be drawn between the historical construction of labor force manipulation from the perspective of Latin America, based on Anibal Quijano (2005) *Coloniality of power, Eurocentrism and Latin America* and the place occupied by indigenous woman in the modernization of Amazonia, specifically in the city of Manaus, adopting Araújo and Torres (2008). *Life and work trajectory of indigenous women in Manaus*. In order to better understand the hybrid character of the Hatounian literature, a brief discussion will be made about the concepts of hybridism, interlacing and heterogeneity, adopting the contribution of Figueiredo (2005) *Concepts of Literature and Culture* and the relation between the peoples of cultures of intense contact, Homi K. Bhabha (2013) *The place of culture*. This fact, in order to understand how the relation of the woman who has its origin based on the mixture of cultures with the space to which it is included is given, this work will be supported in Anzaldúa (2005), *The conscience of The mestiza*, as well as other authors that corroborate the theoretical framework of this research.

Keywords: Milton Hatoum. Culture. Indigenous women. Subalternity.

¹ Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2016). É Especialista em Abordagens Culturalistas, Saberes e identidades na/da Amazônia; pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2018). Atualmente é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, Abordagens Culturalistas, Literatura de Expressão Amazônica e Literatura e Psicanálise. E-mail: bragmont.jose@gmail.com

Introdução

O atual interesse pelos estudos que envolvem a Literatura na/da Amazônia, deve-se à necessidade de um debate sobre a Literatura e a Cultura dessa região, não apenas como espelho de uma paisagem imóvel, que retrata a diversidade de fauna e flora presentes na região, mas uma discussão que vise salientar as várias interações sociais que se desenvolveram aqui em função da presença de vários povos e culturas que compõe o mosaico de nossa identidade cultural.

Os estudos acerca da Literatura de expressão amazônica demandam uma visão dinâmica, que atente para a representação dos vários povos que aparecem nas narrativas produzidas na ou sobre a região; tais estudos pedem uma análise de como a sociedade volta seu olhar para os grupos marginais, principalmente, aos povos indígenas que viveram e ainda vivem por aqui. Durante o processo de modernização da Amazônia, as mulheres indígenas desenvolveram papéis de extrema importância, no entanto, por serem indígenas e por serem mulheres, seus espaços, na maioria das vezes, eram subalternos e passíveis a sofrimentos e a todos os tipos de violência.

Deste modo, por meio da obra de Hatoum, é importante analisar a crítica ao espaço semi-servil ocupado por mulheres indígenas. Por meio da literatura é possível também, fazer um estudo detalhado de como povos indígenas ainda são vistos como pessoas desprovidas de cultura, ou, mesmo que sua cultura seja reconhecida, ainda é tida como inferior, em relação à cultura do colonizador, fato que os coloca no espaço de modernização de Manaus sempre como subordinados.

É imprescindível ressaltarmos que, até pouco tempo, havia a ideia de que os indígenas precisavam ser “civilizados”, ou seja, apresentados à cultura ocidental, como mostrado na obra de diversos teóricos, entre eles, Aníbal Quijano (2005). Deste modo, percebe-se nitidamente a concepção de que a cultura indígena ainda é entendida como primitiva, rude e sem nenhuma importância.

As mulheres indígenas, em especial, para ocuparem um espaço de doméstica, como é o caso das personagens em questão, precisavam passar por um processo de ocidentalização que envolvia o aprendizado da língua portuguesa e a doutrina cristã. Nesse sentido, a cultura de origem não era aceita na sociedade amazônica na qual a cultura de matriz europeia fazia-se dominante nos espaços urbanizados.

Milton Hatoum mostra, nitidamente por meio das personagens Florita em *Órfãos do Eldorado* e Domingas, em *Dois irmãos*, estes aspectos. Para que ambas pudessem ter uma vida considerada melhor - ainda que de subserviência - deveriam passar por processos de aprendizagem da cultura do outro e isso incluía a língua do colonizador e sua religião. Entretanto, ainda que timidamente, sua cultura de origem continua ocupando um espaço considerável em suas ações cotidianas, nas práticas de cura, no preparo de comidas da região e sobretudo na visão de mundo e no jeito de ser e fazer.

Considerando que a cultura Latino-americana tem sua base na mistura da cultura indigenista e europeia, Milton Hatoum, em suas obras, mostra de que forma essa mistura de culturas influenciou na formação da sociedade das amazônias, em especial, de Manaus, e como a valorização da cultura eurocêntrica empurra mulheres indígenas para situações semi-serviis que beiram a escravidão.

Isto posto, por meio da manipulação da força de trabalho, mulheres indígenas são inseridas em situações degradantes na modernização das cidades da Amazônia. Destarte, este trabalho visa investigar de que maneira tais acontecimentos são retratados na obra de Milton Hatoum por meio das indígenas Domingas e Florita, personagens das obras *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado*, respectivamente.

Para subsidiar esta pesquisa, far-se-á um paralelo entre a construção histórica da manipulação da força de trabalho na perspectiva da América Latina, tomando por base, Aníbal Quijano (2005) *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* e o lugar ocupado pela mulher indígena na modernização da Amazônia, especificamente da cidade de Manaus, adotando por apoio Araújo e Torres (2008) *Trajatória de vida e de trabalho de mulheres indígenas em Manaus*. Para melhor entendermos o caráter híbrido da literatura hatouniana, far-se-á uma breve discussão acerca dos conceitos de hibridismo, entrelugar e heterogeneidade, levando em consideração Figueiredo (2005) *Conceitos de Literatura e Cultura* e sobre a relação entre os povos de culturas de intenso contato, Homi K. Bhabha em *O local da cultura*. (2013).

Desta maneira, para compreender como se dá a relação da mulher que tem sua origem

pautada na mistura de culturas, com o espaço ao qual esta inclui-se, este trabalho apoiar-se-á em Anzaldúa (2005), *La consciencia de La mestiza*, bem como, outros autores que corroboram para o arcabouço teórico deste trabalho.

Hibridismo, Entre-lugar e Hetogeneidade em Milton Hatoum

O escritor Milton Hatoum¹, nasceu na cidade de Manaus, no ano de 1952. De descendência Libanesa, o escritor passou boa parte da infância e juventude em Manaus, mudando para Brasília no ano de 1968 e, posteriormente, para São Paulo onde cursou Arquitetura e Urbanismo e Letras na USP.

A sua inauguração nas letras se dá em 1989, com o romance premiadíssimo pela crítica, *Relato de um certo Oriente*. Entre outras publicações de igual relevância, em 2000 publicou *Dois irmãos*, obra aclamada pela crítica e que conta a história de uma família de imigrantes libaneses que vive em Manaus e tem sua vida marcada pela rivalidade que vivem os irmãos Omar e Yaqub. A narrativa é carregada de episódios que refletem os dramas familiares e a história da modernização de Manaus na qual a mão de obra indígena e cabocla construía um império que os arremessava para a subalternidade. Tal fato é representado na narrativa por meio da indígena Domingas, que mesmo escolarizada e catequizada serve à família de Zana em condições semi-servis.

Em 2008, o autor publica a novela *Órfãos do Eldorado*, que segundo Penalva (2012, p.117): “Nessa narrativa o autor reúne o mergulho no passado, os conflitos familiares e o desencanto com o país. Há uma combinação de história e mito, ficção e fábula, lenda e verdade.” A Narrativa conta a saga de Arminto Cordovil em busca de seu amor Dinaura, moça que sonha com a cidade encantada submersa, a Eldorado.

Na narrativa, o menino conta com os conselhos e cuidados de Florita, indígena que dedicou sua vida a cuidar de Arminto e de seu pai, Armando. Ainda que na trama a indígena ocupe lugar de destaque, assim como Domingas, de *Dois Irmãos*, a indígena é arrastada pelo espaço secundário que ocupa sendo subalterna até a morte.

É imprescindível salientar que ambas as obras - corpus deste trabalho - apresentam como temas os conflitos familiares, a relação dos povos com Manaus, desta maneira, contribuindo para narrativas que criticam a exclusão de diversos grupos sociais da modernização na Amazônia.

Para uma melhor compreensão deste trabalho, é importante ressaltar conceitos que corroboram com as teorias dos Estudos Culturais e Pós- coloniais e perceber como tais conceitos fazem-se presentes nas obras *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum.

Neste sentido, abordaremos diversas vezes no decorrer deste trabalho um conceito polêmico nos estudos acima citados, o Hibridismo. Para Figueiredo (2005) Tal termo consiste em caracterizar a identidade ambígua ou dupla, gerada a partir do contato com outra cultura, determinando assim uma nova cultura, flexível e dinâmica. Tal conceito deixa à margem a ideia de cultura pura e única dando espaço ao ato que gera uma adaptação do indivíduo que, por sua vez, funde sua cultura à cultura do outro, originando assim, o processo de hibridismo. Destarte, o hibridismo tem por função nomear um indivíduo cuja formação social e cultural são mistas, que origina-se a partir do encontro de duas culturas Heterogêneas. Segundo Figueiredo (2005):

A primeira definição de Hibridismo[...] aponta para o conteúdo negativo do termo: ‘animal ger. estéril. formado pelo cruzamento de progenitores de espécies diferentes, bastardo’. Até mesmo a etimologia da palavra vai absorver conotações desfavoráveis adicionais. (FIGUEIREDO, 2005 p.165)

Ainda para Figueiredo, o termo hibridismo no âmbito cultural, é utilizado para descrever culturas criadas em espaços de intenso contato cultural, como é o caso da cidade de Manaus, onde são ambientadas as obras de Hatoum em questão.

O contato de culturas apresentado nas obras *Dois Irmão* e *Órfãos do Eldorado*, do escritor Milton Hatoum, apresenta diversas etapas, entre elas, o tumulto de se conviver em uma outra realidade cultural gerada a partir do choque entre culturas diferentes.

¹ Fonte: PENALVA, Gilson. Identidade e Hibridismo cultural na Amazônia Brasileira: Um estudo comparativo entre Dois Irmãos e cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro. UFPB 2012.

Para Cornejo Polar (Apud Figueiredo 2005,p 144), a pluralidade dos signos sociais presentes no processo de produção literária, cria uma zona de conflitos dentro da obra, uma vez que, desse modo, pelo menos um elemento será diferente dos demais o que ocasiona em um fenômeno que ele chamará de “literatura heterogênea”.

Em Hatoum, esses elementos heterogêneos da narrativa estão presentes nas indígenas Domingas e Florita. Ambas pertencem a um espaço cultural diferente dos demais personagens, ainda que tenham absorvido a cultura hegemônica, guardam consigo seus traços da cultura indígena, como, por exemplo, sua língua materna - Florita - e sua medicina tradicional - Domingas.

Ao participar desses diálogos culturais, o indivíduo não pode fechar as portas ao novo, entretanto, não pode desvincular-se totalmente se suas origens culturais, nesse sentido, os elementos híbridos e heterogêneos, figuram para a formação de um *entre-lugar*. Assim, este conceito age como forma de resistência do colonizado subalterno à imposição de valores trazidos e impostos pelos europeus.

Ao citar Nubia Hanciau, Figueiredo (2005, p 127) mostra que o *entre-lugar* se insere nos conceitos que indicam a existência de um descentramento que reafirma a heterogeneidade dos povos e nega a existência de uma cultura pura, homogênea e cristalizada. Destarte, a ocorrência de tais fenômenos corroboram para a dinâmica cultural dos povos da Amazônia.

As manipulações da Força de Trabalho e o Estabelecimento do Poder na América Latina

Para uma melhor compreensão da atual realidade econômica e social da América Latina, é necessário que retornemos aos padrões de poder aqui estabelecidos desde o período colonial. Isto posto, Aníbal Quijano (2005) propõe uma visão que abarca elementos da economia, da história, bem como fatos ideológicos e políticos que foram fundamentais para a organização do modelo de poder na América Latina, desde a Colônia até o período atual.

Para Quijano (2005), o que temos como globalização na sociedade atual, trata-se de uma herança do padrão de poder que foi inicialmente pautada na divisão social segundo a ideologia de raça, que se estabeleceu para justificar a dominação social eurocêntrica:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. (QUIJANO, 2005. p. 117)

A categorização racial da população também corrobora para a estruturação da força de trabalho. Em seguida, surge a dominação sexista, fato que torna a mulher inferior e submissa ao homem. Desta maneira, a partir do decreto que finaliza a escravidão indígena, os índios passam à servidão e, posteriormente, à subalternidade nos espaços urbanos.

Desde o século XVIII, na América hispânica muito dos mestiços de espanhóis ou mulheres índias, já um estrato social extenso e importante na sociedade colonial, começaram a ocupar os mesmos ofícios e atividades que exerciam os ibéricos que não eram nobres. (QUIJANO, 2005 p.119)

Dentro desse sistema europeu de organização do mundo, surge o etnocentrismo, desta maneira, intitulam a modernidade e a racionalidade como produtos Europeus. Isto posto, a Europa se afirma criadora do que se chama modernidade, tornando os povos dominados inferiores, por acreditar que era muito mais avançada que os demais de sua espécie.

A associação entre ambos os fenômenos, o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, *naturalmente superiores*. (QUIJANO, 2005 p. 121)

Para tanto, Quijano (2005) critica a modernidade como fator de superioridade, uma vez que defende que todas as culturas estão passíveis de desenvolver os avanços e novidades que são considerados como a 'modernidade', fazendo referência direta às cidades da América Latina que se desenvolveram tecnologicamente antes mesmo de a Europa desenvolver sua identidade.

Na verdade, a estas alturas da pesquisa histórica seria quase ridículo atribuir às altas culturas não-europeias uma mentalidade mítico-mágica como traço definidor, por exemplo, em oposição à racionalidade e à ciência como características da Europa, pois além dos possíveis ou melhor conjecturados conteúdos simbólicos, as cidades, os templos e palácios, as pirâmides, ou as cidades monumentais, seja Machu Pichu ou Boro Budur, as irrigações, as grandes vias de transporte, as tecnologias metalíferas, agropecuárias, as matemáticas, os calendários, a escritura, a filosofia, as histórias, as armas e as guerras, mostram o desenvolvimento científico e tecnológico em cada uma de tais altas culturas, desde muito antes da formação da Europa como nova entidade. (QUIJANO, 2005 p.122,123)

O conceito de modernidade pregado pela Europa, segundo o autor, está pautado no controle da força de trabalho, do sexo e da raça, tendo como sujeito o eurocentrismo. Destarte, o padrão de poder configura-se enquanto sistema.

Há, claro, uma relação umbilical entre os processos históricos que se geram a partir da América e as mudanças da subjetividade ou, melhor dito, da intersubjetividade de todos os povos que se vão integrando no novo padrão de poder mundial. (QUIJANO, 2005 p. 124)

Isto posto, o processo de construção da ideologia ocidental, ocorre a partir da Europa e está diretamente relacionada à manipulação da força de trabalho que corrobora para sua preeminência enquanto potência econômica.

Deste modo, por meio do discurso que exalta os valores europeus, essa ideologia atravessa as gerações estereotipando mulheres, negros, indígenas, e outras minorias, como indivíduos inferiores, de culturas inferiores o que, de alguma maneira, os empurra para a subalternidade. Homi K. Bhabha (2013) defende a ideia de que o estereótipo é principal estratégia de fixidez do discurso eurocêntrico, uma vez que reforça a ideia negativa em relação ao outro que não segue o padrão proposto pela Europa.

Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia de discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está 'sempre no lugar', já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido. (BHABHA, 2013, p. 117)

Para Bhabha (2013), a consolidação do discurso de poder é o que garante o prevalecimento de uma cultura como superior a outra. O autor considera como "condições e especificações mínimas" do discurso acerca do poder:

É um aparato que se apoia no reconhecimento e repúdio das diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é criação de um espaço para "povos sujeitos" através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer. Ele busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente. (BHABHA, 2013 p.123)

Nesse sentido, o corpo da mulher e sua força de trabalho segue estereotipados, e, quanto mais inferior sua cultura for considerada, mais a mulher será subjugada e levada a subserviência.

Subalternidade e a Mulher Indígena

Em seu sentido dicionarizado, a palavra *subalternidade* diz respeito ao estado de dependência, subserviência, subordinação e inferioridade ao qual se encontra ou se submete um indivíduo. Para Spivak (2010, p. 12), o termo visa descrever “as camadas mais baixas da sociedade construídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.”

A autora corrobora com os estudos citados anteriormente ao inserir nesse contexto de debates a mulher subalterna. Para a autora, se o indivíduo for mulher, negra e pobre, estará envolta ainda mais pelo empuxo da subalternidade. Deste modo, ao falar do “sujeito colonial” o nativo, mostra que os grupos considerados como marginais foram pressionados a demonstrar interesse e respeito pela cultura erudita, que no caso da América- Latina, é a cultura eurocêntrica. Ao tomar por base essa origem histórica, Spivak (2010), mostra que empurrar indivíduos para a subalternidade a partir da manipulação da força de trabalho é dar segmento ao projeto imperialista, como vemos em:

A precária normatividade dessa narrativa é sustentada pelo substituto supostamente imutável do modo de produção [...] que intervém para sustentá-la sempre que se tornar aparente que a história da lógica do capital é a história do ocidente, que o imperialismo estabeleceu a universalidade da narrativa do modo de produção e que ignorar o subalterno hoje é - quer queira quer não - continuar o projeto imperialista (SPIVAK, 2010.p. 97).

No que tange as mulheres indígenas, é importante salientar que as obras em destaque *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado* refletem como se deu o processo de modernização de Manaus e de que maneira as mulheres indígenas fizeram parte desse processo: arrancadas de suas comunidade ou em busca de uma vida mais digna, tais mulheres eram catequizadas e escolarizadas com apenas um intuito, o de servir e estar digna a servir, uma vez que a cultura indígena era tida como inferior em relação aos padrões eurocêntricos e as mulheres indígenas deveriam ser “dignas” de ocupar um espaço longe de sua cultura, um espaço no qual a língua e os costumes do colonizador eram valorizados e sua cultura materna era totalmente desprivilegiada, conforme Araújo e Torres (2008):

Nos diferentes ciclos econômicos pelos quais passaram a capital e o Estado do Amazonas, esteve presente o preconceito étnico articulado pelos processos culturais e sociais. Esta é, talvez, uma forma de legitimar a exploração da mão-de-obra indígena e da caboca, no trabalho doméstico e nos demais tipos de trabalho existentes, inclusive o industrial. A mulher indígena é inserida no trabalho doméstico, em condições quase semi-servis. (ARAÚJO E TORRES 2008 p. 2)

Desta maneira, Araújo e Torres (2008), assim como Bhabha (2013), apontam que a justificativa para essa exploração de mão de obra é a estereotipação e o preconceito étnico notados nos processos de construção das sociedades. Desta maneira, o elemento diferente, o outro, é subestimado sendo empurrado assim para a margem.

Para tanto, ao longo da história a mulher segue como mão-de-obra não remunerada e não reconhecida dentro de sua própria casa, desta maneira, o serviço doméstico acompanha a estereotipação, desqualificando mulheres e as explorando ao longo dos processos de formação da sociedade e da economia de um povo.

Nas sociedades emergentes a partir da Revolução Industrial, a posição de desqualificação dos serviços domésticos, acentua-se, contribuindo para a marginalização das mulheres que são

transformadas em mão-de-obra barata. Nesse sentido, as mulheres são exploradas, tanto na condição de dona-de-casa, quanto nas diferentes ocupações exercidas por elas ao longo dos processos e ciclos econômicos. (ARAÚJO E TORRES, 2008. p.2)

Em *La consciência de La mestiza*, Anzaldúa (2005, p.704) mostra que a *mestiza*, de raça ou de cultura, resulta para a sociedade “em um ser inferior, gera um prole híbrida, uma espécie mutável, mais maleável.” Neste sentido, a utilização de mão-de-obra indígena feminina pouco ou não remunerada se dá por acreditar que a mulher indígena é um indivíduo inferior e flexível que tem por obrigação aceitar qualquer situação e ser fiel e grata a família que a acolheu.

Para que isso ocorra, os elementos de culturas distintas se adaptam uns aos outros, fusionam-se, criando um novo espaço que mescla a diversidade cultural amazônica, no entanto, esse espaço resiste às imposições de uma cultura estabelecida como unilateral e pura, pois a *mestiza*, cria um terceiro espaço a partir da soma das culturas as quais está inserida.

Ao tentar elaborar uma síntese, o *self* adiciona um terceiro elemento que é maior do que a soma de suas partes separadas. Esse terceiro elemento é uma nova consciência - uma consciência mestiza - e apesar de ser uma fonte de dor intensa, sua energia provém de um movimento criativo contínuo que segue quebrando o aspecto unitário de cada novo paradigma.” (ANZALDÚA, 2005. p. 707)

Para Anzaldúa (2005, p. 706), esse contato e choques de cultura, cria uma ambivalência na *mestiza*, e ela, como ser mutável que é, mantêm-se flexível, afastando-se de objetos e costumes cristalizados buscando uma perspectiva que *inclui ao invés de excluir*: “A nova *mestiza* enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambiguidades [...] aprende a equilibrar as culturas.”

Destarte, com o choque de culturas tão diferentes entre colonizador e colonizados, surgem novas culturas, entretanto, tais culturas surgem com traços de resistência uma vez que abarcam, não apenas a cultura ensinada pelo colonizador, mas também traços de sua cultura de origem.

No entanto, ainda que exista resistência na mulher indígena, pode-se afirmar que a exploração de seu trabalho doméstico, muito tem a ver com esse choque de culturas uma vez que convier em uma outra realidade as fragiliza e as dificuldades por elas enfrentadas fora de seu espaço de origem, acabam sendo uma porta para a subalternidade.

O indígena torna-se frágil fora da sociedade-não-india, o *ethos* que perpassa a vida desse sujeito não se efetiva fora da comunidade étnica a qual pertence. Na ausência de um sentido de pertencimento a um grupo identitário, torna-se sujeito fácil de exploração e cooptações de diferentes ordens. Em função disso muitas mulheres indígenas se submetem às condições de exploração, no trabalho doméstico (ARAÚJO E TORRES, 2008. p. 5)

Isto posto, destaca-se nas obras de Milton Hatoum em questão, o reflexo de uma sociedade em formação, sociedade esta na qual a contribuição cultural indígena é omitida e a presença “civilizatória” do colonizador valorizada. Neste sentido, fora de sua cultura de origem, Florita e Domingas veem-se fragilizadas e encontram distinção na servidão de famílias mais afortunadas e, ainda que seus traços de resistência existam, sua cultura desprivilegiada no ambiente manauara, as conduz para a ocupação de espaços subalternos, não reconhecidos e não valorizados.

Florita e Domingas: Reflexo da Subalternidade Feminina Indígena na Literatura Hatouniana

Em *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado*, nota-se uma profunda reflexão crítica a cerca das mulheres indígenas da Amazônia. Segundo Araújo e Torres (2008, p.2) as mulheres indígenas, em

sua maioria, saiam de suas comunidades e iam para a cidade grande em busca de uma vida mais segura e confortável, “que na expectativa de melhoria das condições de vida e trabalho, deslocam-se de seus lugares de origem em busca de educação formal e são adsorvidas no trabalho domésticos” ou então, eram arrancadas de suas comunidades pelas missões religiosas com a desculpa de serem escolarizadas e catequizadas para que assim, pudessem alcançar uma vida mais digna, longe das constantes dificuldades enfrentadas por seus grupos sociais por conta da crescente urbanização das cidades da região Amazônica, principalmente a cidade de Manaus.

Domingas fora arrancada de sua comunidade indígena e passou por um doloroso processo de esquecimento de sua cultura. Era obrigada, sob pressão de palmatórias, a aprender as orações da igreja católica e a deixar à margem suas próprias crenças. Ainda menina fora levada à Zana para servi-lhe de doméstica e passa a vida toda dormindo no fundo do quintal.

Na época em que abriram a loja, uma freira, Irmãzinha de Jesus, ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas, uma beleza de cunhantã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras.(HATOUM, 2000, p 41)

Ainda que na obra *Dois irmãos*, não se note a presença clara da palavra *escavidão*, a acepção deste conceito aparece de forma velada, como podemos perceber no trecho acima, o qual mostra a analogia a situação da senzala, que ficava separada das casas dos senhores, e quando se fala em Domingas na narrativa, como vemos em: “meio escrava,meio ama”. Domingas também fora trocada por móveis ,o que leva o leitor a crer ainda mais no caráter escravista ao qual Domingas estava submetida:

Trouxe uma cunhantã para vocês”, disse a irmã. “Sabe fazer tudo, lê e escreve direitinho, mas se ela der trabalho, volta para o internato e nunca mais sai de lá.” Entraram na sala, onde havia mesinhas e cadeiras de madeira empilhadas num canto. “Tudo isso pertencia ao restaurante do meu pai”, disse a mulher, “mas agora a senhora pode levar para o orfanato.”
Irmã

Damasceno agradeceu. Parecia esperar mais alguma coisa. Olhou para Domingas e disse: “Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha”. Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda.(HATOUM, 2000, p.49)

A descrição da freira em relação a Domingas, deixa a tona o fato de que a catequização e ocidentalização da indígena fora feito para fins de servidão. Nesse sentido ainda que Domingas conheça as orações e preceitos da fé cristã, seu espaço na narrativa é subalterno igualando-se à Zana, segundo o narrador da obra “ apenas na reza”.

Em *Dois irmãos*, percebe-se ainda, a analogia à *escavidão* a qual Domingas era submetida, quando Yaqub enfurecido por ser roubado pelo irmão Omar, sugere aos pais a venda de tudo, inclusive de Domingas

Yaqub passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano vistoriando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele! .(HATOUM, 2000 p.80)

Muito embora Domingas tenha sido catequizada, ela não esquece totalmente sua cultura de origem, observa-se isso quando ela faz os pássaros de madeira para Yaqub, quando cuida das doenças de Omar utilizando remédios feitos com ervas, como vemos em: “Zana esperava Halim sair, Domingas fervia água com folhas de cajuru e o Caçula ficava de cócoras ao lado da bacia, recebendo o tratamento da mãe.”(HATOUM, 2000 p.133)

O *entre-lugar* formado por Domingas abarca a cultura nova, do colonizador, mas também traz consigo traços de sua cultura de origem que lhe fornece um grande conhecimento da Amazônia como forma de resistência de sua cultura de matriz indígena, como se nota em:

Aqui embaixo, na calçada suja, o corpo de Domingas debruçava-se sobre o tabuleiro, as mãos apalpavam os olhos de um peixe. Ela resmungava: “Esse matrinxã já foi fresco, agora serve para gato de rua”. Adamor se irritava com as fígadas de Domingas. Ele queria esvaziar o tabuleiro na nossa rua, mas minha mãe era exigente, ranzinza, não comprava peixe liso: “São reimosos, não prestam, dão doença de pele”. Os dois discutiam, chamavam a patroa, Domingas tinha razão. Na escolha dos peixes minha mãe triunfava, era vitoriosa, se orgulhava disso. .(HATOUM, 2000 p.106)

Em *Dois irmãos*, o narrador reconhece a importância de Domingas para a narrativa e ressalta que a obra “depende dela”. Ainda assim, mesmo ocupando lugar fundamental para que a narrativa se desenvolva, os relatos sobre a indígena na obra mostram o quão sofrida fora sua vida e que a indígena alimentava desejos de liberdade, e ainda que “educada” e catequizada nada impediu que ela ocupasse um espaço subalterno de servidão.

A cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. .(HATOUM, 2000 p.43)

Florita, de *Órfãos do Eldorado*, por sua vez, é resgatada por Almerindo, caseiro de Amando e, segundo o narrador, ela desiste de uma fuga: “não quis fugir com os preguiçosos, largou a família para trabalhar e viver melhor.” (HATOUM, 2008 p.32) Assim como Domingas, Florita é batizada no cristianismo e educada para servir à uma família rica. Florita traduz para Arminto, o menino ao qual dedicou boa parte de sua vida, as narrativas orais indígenas que eles ouviam em LGA². Após o “resgate” da jovem, assim como Domingas, a indígena Florita também passa por um processo de ocidentalização, é catequizada e escolarizada, assim como Domingas, para fins de servidão.

Meu pai levou a moça para o palácio branco, e lhe comprou roupa e sandálias. Em Vila Bela ela estudou e ganhou um nome, com batismo cristão, festejado. Amando dizia que era uma cunhantã de confiança, e que ele respeitava e até ajudava as pessoas de confiança. Essa moça me criou. A primeira mulher na minha memória. Florita (HATOUM, 2008 p.32).

Florita servia a uma família rica que, assim como a família à qual Domingas servia, também fazia grandes doações à igreja católica, como mostrado pelo narrador de *Órfãos do Eldorado* em: “Depois de sua morte, eu soube que ele havia sido um verdadeiro filantropo. Dava roupa e comida ao orfanato das carmelitas, ajudara a construir o palácio episcopal e a restaurar a cadeia pública.” (HATOUM, 2008 p.14)

A personagem passa a vida na subalternidade, servindo à família e criando Arminto. Uma das consequências da subalternidade para a mulher indígena é retratada na narrativa por meio de

² LGA: Língua geral Amazônica. Sobre o conceito de LGA e sua importância na história da Amazônia ver FREIRE, José Ribamar Bessa. Rio Babel - A História Social Das Línguas na Amazônia p. 41-89. Rio de Janeiro. EDUERJ/ATLANTICA 2004

Florita; o menino ao qual Florita dedica sua vida a abusa:

Minha maior dúvida naquela época era saber se o silêncio hostil que nos separava era culpa minha ou dele. Eu ainda era jovem, acreditava que o castigo por ter abusado de Florita era merecido; por isso, devia suportar o peso dessa culpa. (HATOUM, 2008 p.09)

Assim como Domingas, Florita apresenta um grande conhecimento da cultura amazônica, podemos citar neste trabalho a LGA, que, conforme Ribamar (2004), fora uma língua que surgiu na Amazônia para facilitar a comunicação entre os indígenas e os colonizadores, a qual é retratada na narrativa como a língua que Florita dominava. Florita também interpretava os sonhos de Arminto: “ Abandonar Florita? Como eu podia abandonar a intérprete dos meus sonhos” (HATOUM, 2008. p. 34), ela os reconhecia como presságio, fato que demonstra a presença de sua resistência cultural.

Florita fora empurrada para a subalternidade completa ao ser abandonada pelo menino que cuidou a vida toda. Após ser desamparada por Arminto quando este decide vender a casa em que moravam, Florita, expulsa pelo novo proprietário de um lugar ao qual dedicou sua vida, encontra como único meio de sobrevivência, a venda de beijos, ocupando um espaço ainda mais subalterno que o anterior.

Uma semana depois da minha partida, Becassis vendeu as duas propriedades para a família Adel. No dia seguinte Florita teve que sair da casa. Estiliano alugou um quartinho para ela no porto de Santa Clara. E Leontino By ron deu a Florita um tabuleiro para vender beijos e queijo de coalho. (HATOUM, 2008. p. 38)

O novo espaço subalterno ocupado pela indígena, a oprime e a infelicidade trazida por consequência desse lugar é apontada pela personagem, tal infelicidade gera angústia e um desejo de morte como fim de seu sofrimento e cansaço:

Tu ainda tiveste uns dias de felicidade, ela disse, sem olhar para mim. Quem nunca teve isso merece viver? A voz de Florita não me recriminava, não queria me culpar. E nem era voz de ameaça.(HATOUM, 2008.p. 42)

Florita, assim como Domingas, anseia sua liberdade “ Se eu fosse mais nova, ia embora desta terra, disse Florita. - Para onde? - Para outro mundo.” (HATOUM, 2008. p.41). No entanto, Florita tem seu fim trabalhando, é encontrada morta sobre seu tabuleiro de beiju, no qual alcançou o auge de sua subalternidade se tornando escrava de seu próprio trabalho autônomo.

Eu colhia jambos rosados quando um homem apareceu. Empurrava bem devagar o tabuleiro de Florita, e parou ali na beirada da rua. Fui ver o que ele queria e vi minha Flor deitada no tabuleiro.

Dormindo no sol?, perguntei.

O homem tirou o chapéu e disse: Acordou morta. (HATOUM, 2008.p.43)

Nesse processo de hibridismo em um espaço heterogêneo, tanto *Domingas* quanto *Florita* incorporam à sua cultura, os dogmas e preceitos da religião cristã, europeia, no entanto, não esquecem totalmente sua cultura, formando assim um entre-lugar cultural que abarca a cultura nova e sua cultura de origem. Neste sentido, *Domingas* e *Florita*, incorporam elementos da cultura Ocidental, dando a eles seus próprios significados, e utilizam-se deles para que possam obter possíveis proveitos, como, por exemplo, uma vida estável, ainda que essa meta seja inalcançável.

Isto posto, é possível afirmar que a obra de Milton Hatoum possui em suas linhas, uma crítica social profunda, no que tange a miscigenação cultural na Amazônia, deste modo, o *entre-*

lugar formado por suas personagens em questão, ocorre como forma de resistência tendo como objetivo, salientar a diferença cultural de povos que tentam conviver em um novo espaço de desenvolvimento urbano. Infelizmente, tal espaço privilegia alguns, deixando à margem do desenvolvimento os povos nativos da região, e a mulher indígena, ao ser inserida ocupa um lugar inferior, semi-servil, acontecimento representado pelas indígenas em destaque.

Como mencionado anteriormente, tanto Domingas quanto Florita, passam por processos de esquecimento de sua cultura para que possam tornar-se “civilizadas” e aceitas na sociedade. Ambas são criadas de famílias ricas, ambas designadas à cuidar dos filhos de seus patrões, ambas lembram com medo, ou forçadamente, suas origens, sua língua materna e sua religião. Ambas são doutrinadas e batizadas na igreja católica, não para serem fiéis, mas para servir à seus fiéis, tendo em vista que seus patrões faziam grandes doações para a igreja .

Ainda que catequizadas e escolarizadas, ambas sofrem as consequências da subalternidade, como a violência simbólica, o estupro e o silenciamento e a subserviência. Ainda que sonhem com uma liberdade ela torna-se distante, uma vez que o espaço ao qual estão inseridas as empurra para a subalternidade pela falta de opções. Assim, de acordo com Araújo e Torres (2008), a mulher indígena da Amazônia:

Mesmo consciente da situação de exploração muitas mulheres indígenas, sem oportunidades de trabalho, podem, facilmente, não sair da condição de empregadas domésticas. A baixa escolaridade e a falta de treinamento, impedem que elas exerçam outras ocupações mais valorizadas econômica e socialmente. (ARAÚJO E TORRES 2008 p. 5)

Isto posto é possível considerar que a chegada da mulher indígena a Manaus se deu reservando a ela um espaço subalterno e limitado que não lhes permitia dignidade e justiça, apenas lhe guardava uma casa para limpar e uma família para servir, episódio representado por Florita e Domingas, nas obras hatounianas em questão, o que deixa nítido a representação, por meio da Literatura, das relações de manipulação da força de trabalho e interações sociais dos povos da Amazônia.

Considerações Finais

Pode-se considerar que a Literatura tem um espaço que supera o tempo, guarda ações humanas capazes de influenciar futuras gerações, ela é uma expressão social transformadora de consciência, que reflete os anseios e incômodos de um povo.

Para tanto, a análise da Obra de Milton Hatoum, não é apenas uma marcadora de determinada paisagem e espaço, ela transcende esse olhar, abrangendo uma sociedade em constante conflito no que diz respeito às culturas que a ela estão inseridas.

Estudar tais obras torna-se de grande necessidade, uma vez que elas refletem um tempo de formação de uma sociedade, uma situação na qual grupos menos abastados da sociedade de Manaus eram excluídos da modernização que ali chegara e a mão de obra indígena feminina era explorada de forma desumana. Assim, uma das formas de serem inseridas, à modernização era serem catequizadas para servir os grandes poderosos, detentores da riqueza que estava em evidência no momento, mas essa riqueza, chegava e saía sem pelo menos tocar na mão dos subalternos, uma fortuna produzida por eles, mas para outros.

Examinar, pois, com perseverança estes processos de interações culturais por meio da obra de Milton Hatoum faz-se de grande importância, uma vez que demanda uma visão de resistência de povos que sofrem práticas excludentes no processo de urbanização de Manaus.

Neste sentido, esses processos de permutação da cultura, age, ainda para melhor entendermos como e por qual motivo a ocidentalização indígena fazia-se e faz-se necessária, principalmente por fins religiosos na Amazônia.

Destarte, este processo proporcionam uma larga análise voltada a responder a tais questionamentos, haja vista que, explicando o passado, por meio da literatura, é possível entender melhor as relações estabelecidas hoje pelos povos que vivem no território amazônico, bem como sua cultura e os processos pelos quais fora formada.

Referências

ANZALDÚA, Glória. **La consciência de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência**. Revista Estudos feministas, Florianópolis, 13. Setembro-dezembro. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

ARAÚJO E TORRES. Wagner dos Reis marques e Iraíldes caldas. **Trajetória de vida e de trabalho de mulheres indígenas em Manaus**. Fazendo Gênero 8 - corpo violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de Agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST19/Araujo-Torres_19.pdf>. Acesso em: 15 de Setembro de 2018.

ASSIS, Machado de. Obra **Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente em O Novo Mundo, 24/03/1873.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. 2. ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013

BOSI, Alfredo, 1936- **Dialética da colonização** / Alfredo Bosi. — São Paulo : Companhia dasLetras, 1992,

CHIAPPINI, Ligia. AGUIAR, Flávio Wolf de. **Literatura e história da América Latina**: seminário internacional, 9 a 3 de setembro de 1993

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel - A História Social Das Línguas na Amazônia p. 41-89**. Rio de Janeiro. EDUERJ/ATLANTICA 2004

FIGUEIREDO, Eurídice. org. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de fora: UFJF, 2005

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

LARAIA, Roque de Barros, 1932- **Cultura: um conceito antropológico** / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge “Zahar Ed., 2001

PENALVA, Gilson. **Identidade e Hibridismo cultural na Amazônia Brasileira: Um estudo comparativo entre Dois Irmãos e cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro**. UFPB 2012

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales 2005.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **“Do que se trata a aculturação?”**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

Recebido em 15 de setembro de 2018.

Aceito em 9 de abril de 2019.